

ANA AMÉLIA

CASAS SUBTERRÂNEAS

CASAS SUBTERRÂNEAS

"Voltamos sempre para uivar sobre o túmulo de nossa mãe, como um cão abandonado" Romain Gary

Tudo na casa dos meus avôs é sobrenatural:

Das espirais nas xícaras sujas de muitos cafés

Às estampas místicas das toalhas no varal

No quintal, balançam-se, solitárias, cadeiras...

E, ainda que *ninguém quente* as mova,

Arrastam-se por lá, rijas pedreiras

Nas paredes, fotografias mórbidas de rostos antigos,

A conversar, intimamente, com os santos de barro,

Sobre miudezas humanas, que soam como fustigos

No terreiro, inúmeros tesouros perdidos,

Brinquedos enterrados juntos a sapatinhos,

Aduados pelo sangue de meninos condoídos

Nos sulcos do forro de madeira, palavras sem tradução,

Cantos antigos, muito silêncio e algumas velhas orações,

Guardadas, ano após ano, nas entranhas graves do porão;

“Oh, de casa!” Grita *alguém quente* lá de fora,

E da *casa vazia* é possível ouvir sofrida resposta:

“Cresceram-se todos! Foram-se embora!”